

# Sombra di polon: o embrião das moranças e tabankas da herança kaabunke

Maurício Wilson Camilo da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto constitui um estudo sobre o importante papel cultural que a *Sombra di Polon* constitui na configuração de *Morança* (unidades habitacionais de famílias agregadas) e *Tabanka* (um complexo de povoados no território de herança *Kaabunke*) na atual Guiné Bissau no Oeste da África, que define o lugar da construção cultural, contemplação familiar, ensino religioso e reuniões políticas das comunidades, que quando situado nas florestas, torna-se lugar central da crença espiritual *Baloba* e de prática da iniciação *Fanadu* nas *matas sagradas*.

A Sombra di Polon tornou-se importante para organização política e militar do PAIGC, como meio unificador dos povos sudaneses e litorâneos, onde os mais evidentes, Balanta, Mandinka e Cristãos Civilizados tiveram estratégias que foram importantes para luta de libertação territorial de Guiné e Cabo Verde. Torna-se um espaço de destaque, visto que é dali que constituíram-se os meios de “ensinamento dos mais velhos aos mais novos”, as primeiras escolarizações corânicas e a alfabetização de ensino revolucionário do PAIGC, que mais tarde, tornou-se fundamental na proclamação da independência de Guiné e Cabo Verde em colinas de Boé (atual Guiné Bissau). É espaço da prática de *Djambadon* (um manifesto cultural caracterizado pela dança, canção e percussão) e *Toka Tina* (uma manifestação exclusiva das mulheres associada à Mandjuandadi de herança de *crilandadi* di Jiba, Catcheu, Bissau e Bolama). Nestes espaços definidos pela *Sombra di Polon*, os camaradas do PAIGC consultavam *Iran* (uma crença na ancestralidade e divindade baseada nos espíritos sobrenaturais e guardiões da natureza) para saber do desfecho sobre o ataque contra os portugueses *Tugas*.

**Palavras Chaves:** Ancestralidade; Identidade cultural; e Construção do Lugar.

---

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista pela FAU UFRJ, mestrando em Sociologia pela PPGS UFF e Pesquisador sócio do Real Gabinete Português de Leitura (RGPL) no Rio de Janeiro e associado ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa em Guiné Bissau. E-mail: nae.ufrj@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Este texto apresenta o resultado do estudo sobre a dimensão espacial e o papel social, econômico, cultural, político, religioso e espiritual que a *Sombra di Polon* constitui enquanto o espaço embrionário da configuração territorial e construção do lugar com as comunidades tradicionais Moranças e Tabankas<sup>2</sup> da herança *Kaabunke* na atual Guiné Bissau – Costa Oeste Africana<sup>3</sup>, onde ocorreram os conflitos entre os atuais povos do litoral e do interior a partir do século XIV e nas resistências desses grupos contra as ocupações europeias durante os fins do século XIX e início do século XX.

Nesse sentido, foram levadas em conta as tradições orais referentes às histórias registradas em diferentes comunidades rurais e nos arredores das pequenas cidades. O trabalho que começou desde o início de 2006 com colaboração de pesquisadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas INEP da Guiné Bissau, onde foram coletadas diferentes informações através de entrevistas realizadas em diferentes lugares onde estão presentes as Moranças e Tabankas, cuja *Sombra di Polon* constitui o elemento central na relação comunitária e articulação da manutenção de vínculos de solidariedade entre os agentes internos e nas suas relações com as demais povoações.

Esses levantamentos, junto com as publicações de alguns autores presentes no INEP e no Arquivo Histórico Ultramarino em Portugal, vão contribuir para a contextualização histórica e dinâmica geográfica desse espaço da herança *Kaabunke* em diferentes períodos (séculos XI a XX), e na caracterização das diferentes identidades que ao longo do tempo se emergiram nesse espaço, que enquanto embrião das Moranças e Tabankas, pode-se apresentar como o espaço estruturador de relação das famílias alargadas, e constituindo as suas diversas dimensões espaciais, entre esses, os espaços da construção cultural, concretização familiar, orientação espiritual, ensino religioso, centro de comércio e conselho da reunião, onde mais tarde veio a se tornar espaço revolucionário do PAIGC.

### 1.1. SOMBRA DI POLON

Por se constituir o elemento central e também presente na parte das comunidades que mais tarde se tornaram muçulmanas e católicas, onde nas florestas em Matas Sagradas, aparecem como lugar referencial das crenças espirituais *Baloba*<sup>4</sup> e de prática da iniciação *Fanadu*<sup>5</sup>, *Sombra di Polon* se torna um espaço de soberania e controle espiritual, político

---

<sup>2</sup> Termo comum na língua crioula da Guiné Bissau, que numa primeira aproximação remete a ideia de aldeia em português.

<sup>3</sup> O nome Guiné (Genna, Ghenea, Ginea, Gueni, Guinea, Jenni, Genni, Jinne, Djienne, Djénné), referia-se a uma povoação indígena, fundada por volta de 1040, nas margens do Níger. Ela situava-se a sudoeste de Tumbuctu por onde passava o ouro em direção ao Mediterrâneo. Foi importante centro comercial, capital do antigo império Fula, detentor do comércio de ouro e escravo. (RESENDE, 1994, p. 91).

<sup>4</sup> O termo *Baloba* remete a dimensão física do terreiro que simboliza o lugar onde as incorporadoras da ancestralidade, as *Balobeiras* vivem nas matas sagradas e fazem as consultas espirituais.

<sup>5</sup> A prática de iniciação sagrada que marca a transição da faixa etária e suas ocupações e atribuições entre os mais novos e os mais velhos nos povos da Guiné Bissau.

e religioso através de um conselho de anciões, que quando morrem se tornam espíritos guardiões que mediam os vivos com a divindade *Iran*<sup>6</sup> (JONG, 1988). Esse espaço se tornou importante para reuniões e organizações políticas e militares do Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), como meio unificador dos povos sudaneses e litorâneos, onde os mais evidentes, Balanta (na produção agrícola e luta), Mandinka (na mobilização e integração) e Cristãos Civilizados (na administração e cooperação com o exterior) foram importantes para luta de libertação territorial de atual Guiné e Ilhas de Cabo Verde.

Nesse sentido, torna-se importante *Sombra di Polon*, visto que é dali que ocorreram os primeiros ensinamentos dos mais velhos aos mais novos, onde surgiram as primeiras escolas corânicas e de alfabetização e ensino revolucionário do PAIGC (formação militante), que mais tarde tornaram importantes na proclamação da independência de Guiné e Cabo Verde em colinas de Boé (atual Guiné Bissau). Constitui espaços da prática de *Djambadon* que surgiu no contexto cultural da hegemonia Mandinka e *Toka Tina* como manifestação de herança afro-portuguesa nas antigas cristandades de Cacheu, Ziguinchor, Bolama, Bissau, Geba e mais tarde Bafatá, apesar de trazer fortes elementos da tradição *Kaabunke* que inclui a cultura os demais povos do litoral (LOPES, 2003). Esse espaço, *Sombra di Polon* funda com o lugar onde os camaradas do PAIGC reuniam para determinar as suas ações políticas e estratégias militares confirmadas na consulta aos *Iran* para certificar sobre as possíveis positivities de ataques contra os *Tugas*<sup>7</sup> portugueses.

## 2. TCHON DA HERANÇA KAABUNKE<sup>8</sup>

Segundo Carlos Lopes (1986, p. 8) o território de herança *Kaabunke* que veio a se tornar a atual Guiné Bissau<sup>9</sup>, foi terra dos povos do litoral<sup>10</sup>, que devido aos ataques Mandinka<sup>11</sup> se deslocaram para regiões litorâneas, um lugar que sofreu a influência do Estado de Ghana (IV a XI) e fez parte do Império de Mali (XIII a XIV) cuja dependência Kaabu se tornou reino (XIV a XIX) com a queda desse império, onde os Songhay vieram a ocupar as terras de Tombouktow e Djené, entre os séculos XIV a XV.

<sup>6</sup> Também se identifica como entidade sagrada das práticas espirituais da ancestralidade, que torna comum e presente na maioria dos povos da Guiné Bissau.

<sup>7</sup> Tuga é uma abreviatura de *Portuga* e derivação regressiva de *português* para referir aqueles da colônia (TEIXEIRA, 2003). Em alguns casos foram utilizados termos como Tubabô na língua Mandinke para referir aos brancos da colônia na África Ocidental.

<sup>8</sup> Termo nativo na crioula da Guiné Bissau, para dar noção a ideia da terra apropriada e que se apropria dos agentes também por véis da relação com a ancestralidade. Muito embora usado como território étnico, na expressão da relação simbólica e sagrada entre os povos e as suas terras.

<sup>9</sup> O antigo território do Reino de Kaabu nos séculos XIV a XVIII fundado por Tiramakham Traore, oficial do exército do célebre Sundiata Keita que foi o fundador do império do Mali nos séculos XIII a XIV (Lopes 1999). A atual designação contemporânea de Guiné Bissau deve a independência proclamada pelo PAIGC num território anteriormente chamado Guiné Portuguesa como resultado da divisão política do tratado luso-francês de 1886, que demarcou fronteiras na costa Ocidental Africana (Esteves 1988).

<sup>10</sup> Os nativos Diola, Banhuns, Cassangas, Cobianas, Balantas, Manjacos (Bramas, Papéis), Beafadas, Bijagós, Nalus, e Cocolis (PAIGC 1974).

<sup>11</sup> O povo que constituiu as aristocracias *Mansaya* do Império de Mali e *Nantio* do Reino de Kaabú.

Assegurou esse autor que o Reino Kaabu reunia as características de Estado e, a influência da sua forma de organização centralizada refletia em grupos étnicos do litoral (idem, p. 10), onde mais tarde a hegemonia Mandê (mandinguização) vem a se tornar o fenômeno que provocou a alteração em parte da cultura autônoma desses povos locais.

Os Mandinka foram islamizados em parte através das práticas Almorávida que culminou com o comprometimento de estruturas sociais, produtivas e políticas do antigo Estado de Ghana (séc. X a XII) na ocupação do centro Norte desse território (Kumbi Saleh), onde mais tarde, esse grupo expandiu as suas influências na direção ao Sul da Espanha (GOLÇALVES, 1961). Mas apesar da parte dos Mandê se tornarem muçulmanos, é importante destacar que apenas a soberania Mansaya do Mali vem a compartilhar dessa fé mohametana da corrente Almorávida, já que a parte dos Nyantios que vieram a residir em Kaabu vai continuar com as suas manifestações e relações com a ancestralidade até a queda desse Estado em 1867.

Com a presença portuguesa mais notável a partir de 1446, esses europeus concretizaram uma interação comercial que se tornou mais evidente com a forte presença dos *Lançados* e autonomia das Ilhas de Cabo Verde na participação e controle do comércio na costa da Guiné (1508), durante o início do comércio de homens em condições de escravo para a América (1511) e a construção da fortaleza de Cacheu (1588), onde mais tarde esse território se tornara colônia portuguesa no fim do século XIX até 1973 com a independência conquistada pelo PAIGC, um partido político assegurado pela associação de influências fortemente marcadas pelos diferentes povos da Guiné e Cabo Verde, entre os mais notáveis, os Mandinka, Balanta, Civilizados Fidjus di Terra e Crioulos das Ilhas de Cabo Verde (CAMPOS, 2012, p. 9 e 10).

## 2.1. IDENTIDADE KAABUNKE

Entre os séculos XIV e XVI as identidades foram se constituir nas margens dos rios da Guiné, uma região conhecida como parte de Sene Gâmbia<sup>12</sup> nomeada Alta Guiné, cujo território compreendia o perímetro litorâneo da região de São Luís à Serra Leoa (DIAS, 2003, P. 62). São destacadas nesse caso, as práticas culturais que foram dominantes e que conforme Carlos Lopes (idem, p. 53) constituíram a emergência histórica no espaço dos rios da Guiné.

Como destaque, a identidade *kaabunke*<sup>13</sup> do Reino de Kaabu que apareceu como herança malinke<sup>14</sup> do Império do Mali, apesar das suas adaptações e algumas particularidades que tiveram origem nas práticas culturais dos povos do litoral.

<sup>12</sup> Compreendia a região que ia do rio Senegal aos Rios do Sul, e o interior sudanês (Sudão Ocidental), iniciada no século XV. Nas versões maximalistas, a Senegâmbia estende-se do rio Senegal ao rio Pongo, na atual Guiné Conakry, e mesmo ao rio Kolente, na Serra Leoa, e do Atlântico até ao Bambouk e aos contrafortes do Futa Djalon e nas versões minimalistas, a Senegâmbia histórica é delimitada a norte pelo Rio Senegal e a Leste pelo seu afluente Falamé e engloba as bacias hidrográficas dos rios Gâmbia, Cassamance, Geba e, para alguns autores, também a do rio Corubali (DIAS, 2003).

<sup>13</sup> Termo que remete a noção da nacionalidade e/ou integração entre os povos que se submetiam a soberania do Reino de Kaabu.

<sup>14</sup> Segundo Lopes (2003) a nação é normalmente uma plataforma de consenso que legitima o poder. Nos Malinke, o sufixo *nke* exprime justamente esta ideia, servindo para designar tanto os povos como o território, já que ambos são atributos de um poder legitimado.

Destaca Carlos Lopes (idem, p. 54) que além da grandeza na estruturação de espaço e afirmação política, o Estado de Mali foi o precursor de formas modernas de intercâmbio comercial. E reforça que o comércio transaariano dependeu da existência da estrutura política Mandê, como assinalada por cronistas e exploradores árabes e europeus na costa Oeste e do centro da África. Um Estado cuja sociedade se estruturava através da classe Mansaya<sup>15</sup> com auxílio de Oron e existência de uma classe de profissionais com diversas especialidades e papéis sociais definidas e associadas ao sistema de castas Nyamakala<sup>16</sup>.

A sucessão Malinke dava-se por viés patrilinear e, a prática espiritual do seu povo era baseada em culto aos ancestrais e forças da natureza, apesar de forte influência e pressão do Islam pela parte das classes mais altas e comerciantes que vinham do Norte da África em relação aos menos favorecidos.

Este autor aponta que os Mandê<sup>17</sup> eram guerreiros que através do comércio dos Diula (longa distância) e ataques contra os Abalanta<sup>18</sup>, contribuíram para o deslocamento da parte da população para o litoral e integração de povos que ocupavam o seu território de controle.

Com a formação política de base Malinke inserida por Tiramakhan Traore (o fundador de Kaabu), a identidade Kaabunke absorveu parte da característica política e econômica do Mali, incluindo administração de impostos, comércio de longa distância, razias<sup>19</sup> e trabalhos forçados e hierarquização social bem definida com a existência de Oron e Nyamakala.

Nesse caso, a identidade *Kaabunke* se torna diferente do Malinke pela sucessão por viés matrilinear, que também se manifesta na presença de patrônimos de origem local distinta de origem Mandê, estabelecimento de uma classe nobre de acesso matrilinear Nyantio, baseada nos clãs Mane e Sane, e forte presença de culto da ancestralidade, apesar de que os Nyantio<sup>20</sup> observassem uma importante aliança com mercadores Dyula<sup>21</sup>, sendo alguns clérigos muçulmanos, utilizados como conselheiros da Mansaya (Idem: 54).

---

<sup>15</sup> A classe controladora do poder político dirigido por um Mansa (soberano e absoluto), auxiliado por uma classe nobre os Oron.

<sup>16</sup> Os Nyamakalas ou Nyamakalaw integraram durante muito tempo classes do Sudão Ocidental por terem possuídos algumas características similares a um sistema de castas. Este grupo especializado dos Malinke, e/ou Mandinka, tem funções importantes na hierarquia social Mandê, ocupando os escalões intermediárias e as profissões especializadas da sociedade. Entre os mais estudados temos os Bardos.

<sup>17</sup> Também aqui o sufixo *nke* ou *nka* pode ser aplicado para dar origem à palavra Mandênka, que significa o país de Mandê, mas que acabou por ser confundido como a designação de uma etnia, criando o etnónimo Mandinka, mandingue. o sufixo é aplicável a quase todas as formações políticas criadas pelos Mandê como Malinke, kaabunke, ou influenciadas por este, como funtanke, jakanke, etc...

<sup>18</sup> Nome dado pelos Mandinkas aos povos que recusavam o pagamento de tributo.

<sup>19</sup> O termo *razia*, de origem árabe, significa invasão com saque, pilhagem, ou simplesmente ataque predatório (GONÇALVES, 1961).

<sup>20</sup> A classe nobre de acesso matrilinear baseada nos clãs Mane e Sane.

<sup>21</sup> Mercadores de longa distância do Norte ao centro Oeste e Leste africano que se comercializavam com o povo de Kaabu.



Apesar da dominação Mandê, os outros povos como Diola<sup>22</sup> e Abalanta tiveram suas contribuições na construção social e cultural da identidade *Kaabunke*, e o Estado de Kaabu passou a representar uma identidade da sub-região com características próprias em termos econômicos, culturais, linguísticos e religiosos, num ecossistema bastante peculiar, caracterizado por lagoas de água salgada, rodeadas por manguezais e zonas de sedimentação recente, contornadas por grandes vias fluviais nascidas nos contrafortes do Futa-Jalon (Idem), o que vai possibilitar o desenvolvimento do tipo específico de construção do assentamento e modo de vida adaptada à produção agrícola.

Carlos Lopes assegura que através da história *Kaabunke* surge outra identidade, dispersada estrategicamente pela historiografia contemporânea, mas bem presente nas relações de solidariedade ainda hoje perceptíveis entre uma série de fenômenos, que de outra forma seriam difíceis de se racionalizar. Por exemplo, a forma como foram atribuídos etnônimos na sub-região, o papel que os Fulbé (Fulas) vêm a cumprir na destruição dos Nyantios *Kaabunke* e a divisão do antigo espaço de influência Kaabunke por três colonizadores diferentes (dando origem à Guiné Bissau, Gâmbia e Casamansa), para além da rejeição da atual estruturação do espaço pelos povos da sub-região.

### 3. NOÇÃO DO ESPAÇO NA HERANÇA KAABUNKE

Aponta Carlos Lopes (2003, p. 54) que é difícil admitir ausência dos vestígios da infraestrutura e das construções executadas durante o reino de Kaabu, pelo impacto que este Estado teve e pela maneira com que foi largamente citada em vários documentos históricos. Esse Estado, assim como o próprio Mali, foi administrado a partir das *Tabankas* com diferentes características, que na medida em que o poder Mandê se expandia assim se destacavam as funções dos seus espaços de conquista, independentemente de configuração territorial e localização. Apesar das cidades Tombuctu e Djenné terem apresentado as construções de larga escala e ornamentação de alto padrão arquitetônica, cuja estética nos lembra do gosto islamo-árabe no Norte de África.

Entre os espaços socioeconômicos, culturais, políticos e religiosos encontrados, tornam-se de destaque aqueles cuja configuração se remete ao domínio do controle da produção agrícola, o conjunto do habitat com várias funções e aqueles com funções específicas para determinadas práticas, como nas *Matas Sagradas* onde ocorrem os cultos espirituais e lugares onde se praticam os rituais de iniciação.

#### 3.1. MORANÇA: ESPAÇOS ESTRUTURAIS DOS AGREGADOS FAMILIARES

Segundo Louis HERNs Marcelin (1999, p. 38) pode-se entender a configuração de casa como estrutura, assim como antiestrutura. Visto que as casas se constituem em uma estrutura de tensão entre a hierarquia e a autonomia, entre o coletivismo e o individualismo, entre os mecanismos tradicionais de socialização e o impulso pós-moderno de modos individuais de consumo.

A Morança remete ao conjunto da configuração constituído por grupo de unidades de palhotas *sudó*<sup>23</sup> implantados próximos às áreas favoráveis à prática de agricultura e pasto cuja principal função é fornecer espaço para dormir e guardar utensílios de lavoura e

---

<sup>22</sup> Os grupos que se submetiam a soberania Mandinka e paravam tributos sem reivindicações, entre esses os Felupe chamados na língua Mandê (Mó-Diola).

<sup>23</sup> Referida na língua Fulbe ou Fulani como unidade com compartimento único, onde dormem os moradores duma determinada *Morança*.

produtos agrícolas, onde são mais frequentadas na noite e de maneira objetiva e especificamente para práticas íntimas dos membros da família. Nessas unidades palhotas normalmente são abrigados os diferentes membros da família conforme as hierarquias e funções sociais definidas pela faixa etária e em alguns casos divididos em relação ao gênero, entre as comunidades islamizadas.

Sendo assim, a vida social da família passa a ocorrer no espaço articulador dessas unidades em palhotas que normalmente divergem para áreas de cultivos onde os membros de famílias praticam a agricultura familiar, e converge por uma área central de reunião familiar e onde constituem espaços centrais de configuração das *Moranças*, *Sombra di Polon*, o embrião da organização social de família alargada da herança Kaabunke.

As *Moranças*, quando aglomeradas, nos remetem aos agregados da mesma família ou clãs que descendem da mesma linhagem e origem familiar com laços de parentescos estruturadas através de grau sanguíneo e/ou consideração. Mas quando dispersas, muitas das vezes aponta aos conjuntos familiares de clãs diferentes e/ou de famílias separadas pelo conflito e desonra, mas que anteriormente, nas gerações passadas podem ter pertencido ao mesmo núcleo familiar e ocupação.

Nesse caso a sucessão e reivindicação de herança para controle e poder nesses conjuntos se dão de diferentes maneiras conforme o grupo étnico. Nesse caso, para os que praticam a fé corânica entre os Mandinka, Fulbé, Sussoe, Beafadas e outros, o primeiro filho do chefe da família é quem vai herdar a *Morança*, já que as filhas passam a ser casadas e agregadas à família do marido, e para os grupos não islamizados como os Balantas, Felupes/Diolas, Brame (Bissanté, Manjacos e Mankanhe), a responsabilidade da sucessão passa para o primeiro filho da irmã mais velha e da mesma mãe com o atual soberano, muitas das vezes mais experiente da *Morança*. Apenas entre os Bijagós a primeira filha herda a *Morança* e os filhos saem para serem casados com mulheres das outras famílias, já que além de matrilinear, esse grupo constitui um povo matriarcal pela exclusividade das mulheres na incorporação dos ancestrais (SILVA, 1984). Mas em alguns casos são destacados os herdeiros que não necessariamente são do mesmo sangue do herdado. Tratam-se dos membros de família por consideração, uma prática mais comum entre os grupos não islamizados.

### **3.2. TABANKA: ESPAÇOS ESTRUTURAIS DAS COMUNIDADES AGRÍCOLAS**

Numa primeira aproximação se faz parecer que várias *Moranças* passam a constituir *Tabanka*, sejam elas aglomeradas e/ou dispersas. Nesse sentido, o espaço da configuração passa a ser definido por grupo de *Moranças* com as suas áreas abrangentes e que divergem conforme as plantações da diversidade agrícola familiar e grandes territórios de plantação da monocultura, que para o caso dos muçulmanos, tornam-se mais comuns às culturas de tabaco, amendoim (*mankara*) e algodão, e os não islamizados, a cultura de arroz, principalmente mais cultivado pelos grupos Balantas.

Nesse caso, cada *Morança* constitui um agregado familiar liderado por um ancião que vai representar a família no conselho dos anciões que reúnem diferentes *Moranças*. Na referência aos muçulmanos, o primeiro ancião a implantar *Morança* numa *Tabanka* passa a liderar os demais, visto que, na maioria das situações, ele é quem cede a terra para os novos chefes de família. E nesse caso as diversas *Tabankas* passam a ser representadas por um chefe religioso, na maioria das vezes, o ancião com mais conhecimento sobre a matéria do livro sagrado (alcorão), e são esses chefes religiosos Almami, que recebem

nas suas *Moranças* os outros chefes representantes dos interesses de diferentes *Moranças* por ele liderados a partir da sua *Tabanka*.

Nos grupos Fulbé/Fulani, os membros das famílias passam a dever satisfação ao chefe de família (dono da *Morança*) que por sua vez, deve satisfação ao primeiro ancião ou descendente daquele que foi o primeiro a ocupar o território Sintchan<sup>24</sup>, e esses chefes de *Tabanka* não se submetem um ao outro pelo meio da propriedade, mas sim por motivos religiosos, onde entre eles, é atribuído o maior respeito aquele com mais conhecimento do *Alcorão*. É o ancião no qual o embrião da organização social ou espaço central da configuração de sua *Morança* vai se tornar o principal espaço político e religioso da comunidade, onde passam a ocorrer as grandes reuniões relacionadas à distribuição da propriedade de terra, manutenção de poder e festas religiosas, como batismos ou casamentos. São esses anciões que para os Fulbé (Fulas) mais tarde, quando os europeus ocuparam parte desses territórios, tornaram-se régulos, os que regulamentavam interesse dos seus povos nas suas terras de soberania (regulado) em relação com os interesses europeus.

Apesar de islamizados em grande parte, os Mandingas com formas de poder mais alargada e estruturada, controlavam as suas terras de acordo com o poder centralizado da classe Nyantio. Nesse caso, em vez do poder central ser atribuído ao chefe de *Tabanka* com mais conhecimento corânico (Almami), é dado ao chefe mais velho de clãs *Mane* ou *Sane* dos Nantios de herança Kaabunke do antigo reino de Kaabu.

Para povos do litoral não islamizado, encontramos algumas variações, visto que alguns sistemas políticos foram comprometidos pelas alianças e/ou contradições com poderes coloniais que forçavam a hierarquização desses grupos para melhor garantia das suas negociações, onde alguns com ausência de poder centralizadas passaram a destacar representantes chamados régulos e os seus territórios de poder *Tchon* chamados de regulados e que passam a admitir circulação dos europeus sem grandes impedimentos. Mas mesmo assim, para o caso dos Bissarel, os diferentes régulos formavam um conselho horizontal, e nos Balantas não haviam chefes em *Tabanka*, cada ancião tinha apenas o papel de representar interesses internos e externos do seu grupo no conselho, e o responsável de cada *Morança* passa a tomar decisões conjuntas e os espaços centrais da configuração das suas *Moranças* tornam-se os principais espaços socioculturais e econômicos.

#### 4. SOMBRA DI POLON: EMBRIÃO DAS MORANÇAS E TABANKAS

A fundação e construção de diferentes *Moranças* que constituem as *Tabankas*, assim como os diferentes lugares de práticas agrícolas e/ou rituais nas matas sagradas, buscam um local onde existem as grandes árvores chamadas *polon* que, nas suas condições de árvores grandes e sagradas, as sombras por elas projetadas passam a definir os espaços centrais do encontro e de diferentes modos de convivência dos espíritos vivos e mortos, e diversas gerações e comunidades. Esses espaços se tornam importantes para produção e reprodução das práticas socioculturais do quotidiano, tomada de decisões políticas, realizações de feiras e trocas de mercadorias e práticas de contemplação religiosa conforme os diferentes grupos sociais e formações políticas. Torna-se necessário o destaque de determinados papéis que *Sombra di Polon* assume na vida dos membros de

<sup>24</sup> Termo que, quando associado ao nome do primeiro ancião a construir *Morança* num determinado território, afirma a sua soberania em relação aos demais chefes de família. Uma atribuição que vale nas normas para a distribuição de terra como Sintchan Abdulai, Sintchan Mussa, etc.



diferentes comunidades, pelos seus espaços sagrados e de grande motivação social nos grupos de herança Kaabunke.

#### 4.1. COMO LUGARES DE CONSTRUÇÃO CULTURAL

A *Sombra di Polon* constitui lugar das práticas de *Kantiga* e danças *Badju* que remetem *Djambadon* e *Mandjuandadi*<sup>25</sup> de *Toka Tina* e Gumbé como parte das práticas políticas e econômicas importantes e manifestadas no ato da celebração social e cultural que marcam as fases das suas identidades e suas heranças.

A *Djambadon* de herança Mandê, cujos Mandinka já haviam manifestado no auge de Mali e Kaabu notada nas manifestações de dança dos povos localizadas nas regiões onde esses poderes se tornaram mais evidentes, remetem às expressões acompanhadas de danças, onde as mulheres cantam e batem palmas enquanto os homens tocam Tambor, Balafon, Nhanheru e em muitos casos Kora<sup>26</sup>. Nesse manifesto, criam uma roda onde a cada canto entra uma ou mais mulheres, individual ou coletivamente para dançar e celebrar durante as festas religiosas de *Tabaski* e/ou *Ramadan* e em muitos casos nos casamentos ou batismos *Rapa*, onde dão nome às crianças no caso das etnias Fulbé (Fulani). Outra prática que ocorre à sorte da *Sombra di Polon* é uma reprodução da hegemonia mandinke chamada *Ntchin Ntchin* que é um tipo de dança normalmente feito pelos jovens depois de terem saído da iniciação *Fanadu*. É onde vão ter o primeiro encontro com as mulheres após terem saído de *Baraka*<sup>27</sup> e sob a tutela de *Koyo Mansa*<sup>28</sup>.

Para os não muçulmanos é comum o uso desses espaços para *Toka Tchur*<sup>29</sup>, onde sacrificam animais e exaltam a alma e o espírito dos ancestrais mortos. Ali os próprios descendentes terão de dançar e cantar conforme a chamada de *M'Bombulon* tocada pelos anciões. Também é comum tipo de dança *Kuçundé* dos Balanta, uma festa que resulta do manifesto de contentamento pelo bom resultado de cultivo, onde aparecem homens e mulheres para dançar exibindo arroz que são jogadas ao ar como uma forma de vangloriar o resultado da boa produção e da oferta aos ancestrais.

Em consideração às outras contribuições, em antigas feitorias e vilas do período colonial, surgiram junto das atividades políticas, as práticas culturais como resultado da mistura de práticas locais de identidade *Kaabunke* e contribuição dos Tugas para dar estrutura às manifestações de identidade afro-portuguesa. Nessa nova prática, aparecem as representações e tipos de manifestações como *Toka Tina* que era realizada no ato da *Mandjuandadi*, onde as mulheres de idade tocavam a palma e *Tina*<sup>30</sup> para dançar e exaltar as suas cantigas de contos, poesias e ditos do povo contra os *colonos*<sup>31</sup>. Mas

<sup>25</sup> Grupo de pessoas que pertencem a mesma facha etária baseada na iniciação tradicional.

<sup>26</sup> São os principais instrumentos da musica Mandê.

<sup>27</sup> Refere-se ao espaço da iniciação, normalmente no Mato Sagrado.

<sup>28</sup> Soberano guardião e responsável pela iniciação.

<sup>29</sup> Cerimónia recomendado para consagrar e glorificar alma de um ou uma anciã, normalmente sub a responsabilidade do filho mais velho de alguém falecido.

<sup>30</sup> Uma prática que consiste no uso da banheira que é enchida a água e depositada a cabaça invertida, que quando tocada, emite as sons de *tin tin* ou *tam tam*.

<sup>31</sup> Uma referência aos colonizadores na língua criouli.

nesse manifesto, eram vangloriados também os valentes da família, tanto os vivos quanto os mortos. A prática da *Toka Tina*, assim como *Gumbé*, era comum nos dias da missa de alma das famílias ditas católicas, após a cerimônia de *Toka Tchur* e/ou casamento de amigos e parentes. Essa prática foi fortemente efetuada nas antigas feitorias onde surgiram as cristandades de Cacheu, Ziguinchor, Bissau, Bolama, Geba e mais tarde Bafatá. Como uma mistura de europeus, judeus, sírios e os próprios grumetes e gentios.

#### 4.2. COMO ESPAÇO DA CONCRETIZAÇÃO FAMILIAR

Por se constituir espaço onde todas as atividades sociais se concretizam, e se tornar lugar de fortalecimento dos laços de solidariedade, através de diferentes relações de afinidades concretizadas pelo meio dos trabalhos e/ou das diversões, na referência aos pretos de Recôncavo Baiano, Louis HERNS MARCELIN (1999, pp. 36-37) apontou que a casa não é somente um bem individual transmissível, uma coisa, um bem familiar, uma ideologia. Ela é uma prática, uma construção estratégica na produção da domesticidade. Ela também não é uma entidade isolada, voltada para si mesma. A casa só existe no contexto de uma rede de unidades domésticas. Ela é pensada e vivida em inter-relação com as outras casas que participam de sua construção no sentido simbólico e concreto. Ela faz parte de uma *configuração*. A tal afirmação nos remete a ideia de que a concretização da vida familiar onde as relações se constroem, se dá pelo lado de fora, na *Sobra di Polon*, onde durante o dia funciona como lugar de encontros familiares e de membros visitantes de *Tabankas* e/ou *Moranças* próximas ou distantes, enquanto na noite, são os mais velhos que vigiam os seus descendentes enquanto interagem nesse meio. É dali que as façanhas se concretizam, a *Ratcha Tara*<sup>32</sup> que muitas das vezes resulta em arranjo de casamento, quando afirmado pelos interessados de preferência homens, com o reconhecimento dos mais velhos.

#### 4.3. COMO MEIO DA MANIFESTAÇÃO ESPIRITUAL, ENSINAMENTO E PRÁTICAS RELIGIOSAS

Apesar da classe *Nyantio* se constituir uma nobreza que afastou o Islam do seu plano espiritual, parte dos Mandinka praticaram essa fé de maneira significativa, apesar de maneira adaptada a partir do Mali. Ato que fora reforçado com a presença Fulbé (Fulani), principalmente no século XIX quando pressionaram parte dos Mandinka de Kaabu a praticar a procissão de fé maometano. Não diferente da pressão Futa Turo no território Jolof<sup>33</sup> que hoje deixou como herança a forte presença dessa religião em Senegal.

Durante o século XIX se tornou comum o encontro das religiões católica, muçulmana e crença espiritual de culto aos ancestrais e forças da natureza nos rios da Guiné, principalmente nas feitorias de Ziguinchor, Geba, Bolama, Fá e Rio grande de Buba, sendo regiões ocupadas naquele período por parte de povos Mandinka, Beafada e Nalu cuja parte islamizada e não islamizada que começaram a praticar fé cristã como meio de inserção naquela nova ordem social e de comércio na altura controlada pelos Tugas de

<sup>32</sup> Termo na língua criou para dar sentido aos primeiros sinais de corre-corre entre as meninas e os meninos, normalmente apaixonados.

<sup>33</sup> Refere-se ao reino controlado politicamente pela soberania Ndai ou Indjai, aproximadamente entre (1350-1549) no território de atual República de Senegal. Depois da Batalha de *Darki* (1549). Parte desse território foi conquistada pelos Almamis Fulbé ou Futa (1875). Até o controle francês em 1890 que vai fechar com a independência dada a Senegal em 1958.

colônia naquelas feitorias, outrora chamadas capitânicas, herdaram a tradição de espaço Kaabunke, a *Sombra di Polon*. Mas o mais importante é que constituíam os espaços de ensinamento corânico dos *Almami*, *Tchernadjo* e *Alfadjo* que ensinavam a fé muçulmana para filhos de régulos ou grandes comerciantes, principalmente no amanhecer ao cantar de galo<sup>34</sup>, onde cantam em língua árabe adaptada às línguas locais. São espaços onde muitas das vezes surgiam mesquitas ao lado, visto que nos dias de *Ramadan* e *Tabaski*, os membros de comunidades ocupam esses espaços centrais da configuração de palhotas *Sudu* (na língua Fulbé) para oração da festividade, onde em muitos casos, apareciam os missionários para professar a fé cristã.

No contexto relacionado às práticas religiosas, se tornou importante a *Sombra di Polon*, pela memória que constituiu e que ainda constitui em uso das práticas espirituais, principalmente pelos filhos de Tchon, cuja casa dos espíritos de ancestrais e forças da natureza *Baloba* são localizadas abaixo dessas grandes árvores *Polon* que passam a se tornar sagrados junto dos espaços por essas assombreadas, tanto nos terreiros centrais das *Moranças*, como nas matas sagradas onde apenas recebem rituais com ausência dos não iniciados *Belufu*<sup>35</sup>, normalmente liderados pelos anciões que vão consagrar os antepassados e novos homens quando se trata de rituais de iniciação.

#### 4.4 COMO CENTRO DE COMÉRCIO LWMÓ DA HERANÇA DJILÁ E DIULA

Uma tradição já praticada desde os antepassados, a troca de produtos resultantes de cultivos, cria dos animais domesticados e artefatos, são encontrados nos espaços centrais de configuração das *Moranças* definidos pela *Sombra di Polon*, que desde o Estado do Mali foram identificadas através das tradições como dadas pelas feiras de *Djila* e *Diula* nos espaços na sombra de *Baoba*, onde se encontravam esses agentes de comércio de longa distância. Essa prática se propagou fortemente com a tradição Malinke e deixa como herança a sua integração em diferentes regiões de Sene Gâmbia, o que permitia o fortalecimento do mercado local e inter-relação de trocas comerciais, muito embora as feiras rotativas Lwmó aparecessem como uma medida fugitiva dos impostos empregados pelos Mandê, os Djilas definiam a venda dos seus diferentes produtos conforme a posição social dos clientes. Até a chegada dos Tugas, onde mais tarde, os grandes centros passaram a se deslocar para litoral e as rotas comerciais terrestres, passaram para via marítima e a serem controladas pelos europeus da costa nas suas feitorias e/ou capitânicas de diferentes centros na margem dos rios da Guiné.

#### 4.5. COMO CONSELHO DA REUNIÃO POLÍTICA DAS COMUNIDADES

Por se tratar do espaço central na configuração das *Moranças* que constituem as *Tabankas*, a *Sombra di Poilon* se torna o *embrião* da organização social, através da sua sagrada cerimônia política antes de construção da primeira palhota *Sudu* e por se constituir espaço de soberania onde ocorrem as tomadas de decisões políticas que refletem no direcionamento das práticas sociais decididas através de um conselho de anciões que para Balantas e parte de povos não islamizados, chegam a consultar os ancestrais, que depois da morte transformam em espíritos guardiões que vão mediar os vivos com a divindade, *Iran*. Esses espaços se tornaram e ainda são importantes nas reuniões de diferentes comunidades rurais, onde organizam suas políticas voltadas à

<sup>34</sup> Um meio de anunciar o amanhecer do dia.

<sup>35</sup> Fase dos Balanta que ainda não passaram pela iniciação.

distribuição de terra e negociações relacionados à casamentos e outras práticas, como a iniciação e produção agrícola.

#### **4.6. COMO ESPAÇO UNIFICADOR E ESTRATÉGICO DA GUERRA DE LIBERTAÇÃO NACIONAL**

Ainda que constituiu um meio de diversas práticas tradicionais, a *Sombra di Polon* se tornou lugar de militância do PAIGC, como meio unificador dos povos sudaneses e litorâneos. Nesse sentido, os mais evidentes, eram Balanta cuja estratégia de infantaria e produção agrícola contribuiu para mantimento da Luta com a mobilização dos Mandinka no interior com seus espíritos de crença revolucionária e Cristã Civilizados nas suas alianças com os Estados socialistas cubanos, soviéticos, chineses e parte dos Estados africanos recém-independentes para planejamento e materialização da guerra, se tornaram importantes para luta de libertação territorial de Guiné e independência de Cabo Verde que estava subordinada àquela luta.

Esse último grupo, os civilizados, outrora chamados assimilados, são destacados por Jean Pierre Lepri, como os mentores do ponto de partida do Movimento de Libertação Nacional. Onde Amílcar Cabral representou a liderança dos civilizados cabo-verdianos e *Fidjus di Tchon* que, juntos libertaram o território da colonização portuguesa e não deu tempo de concretizar outros objetivos que visavam a libertação de qualquer outro tipo de exploração, quer de posição branca ou preta (1986, p. 155).

Para Carlos Lopes (1986, p. 8) o impacto das formas de administração colonial só afetou os poderes endógenos a partir do século XIX. O que para esse autor, é uma prova de que a dominação colonial portuguesa em Guiné não existiu antes do século XX, e reforça que é necessário ligar a resistência tradicional contra o colonialismo à luta de libertação nacional, que apenas se separaram por algumas décadas (idem: p. 9).

Para tal, esse autor apontou vários eventos históricos que marcaram as resistências dispersas<sup>36</sup>, onde diferentes povos Mandjaku, Beafada, Papel, Bijagó assim como o próprio Mandinke, juntos ou separados conseguiram enfrentar e neutralizar influências europeias na Costa da Guiné. Assim como o destaque da resistência unificada, essa última, marcada pela unidade e luta concretizada pelo PAIGC (LOPES, 1986, pp. 13-16).

#### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Torna-se importante a relação e o modo da construção com o espaço entre as comunidades da herança Kaabunke, que diferente das práticas de arquitetura e urbanismo que fundam em outras culturas, aqui a natureza demanda o partido que articula a vivencia com o lugar enquanto o elemento articulador da relação entre os vivos e mortos. Entre outros aspectos, o habitat não se concretiza no ambiente fechado, apenas no espaço concebido pela *Sombra di Polon*, enquanto embrião articulador das manutenções de relações familiares e veículo de parentesco através da solidariedade e reciprocidade.

---

<sup>36</sup> Vide Carlos Lopes. A Guiné Bissau a procura de um modelo social. In SORONDA: revista de estudos Guineenses. N<sup>o</sup> 01. Bissau: INEP, Jan, 1986.



Nesse sentido, não são apenas os esforços físicos e mentais dos agentes e as transformações físicas e materiais dos recursos naturais que concebem o espaço do Habitat, mas é sentido na relação com os antepassados e condição que a própria natureza oferece enquanto o espaço que pode ser habitado, e que condiciona o modo de vida de quem o habita e cujas limitações e relações se fundam na *Sombra di Polon*, favorecida pela grande árvore sagrada, uma oferta dos ancestrais nas suas relações com os espíritos matrizes da natureza que quando unidos, funda a divindade suprema.

Em consideração às novas configurações propostas no modelo de cidades atuais, torna-se preocupante o desaparecimento desses espaços de memória e referência histórica “*Sombra di Polon*” que foram importantes, visto que são desses espaços que surgiram as primeiras escolas de alfabetização e ensino revolucionário do PAIGC, onde mais tarde, se tornaram importante na proclamação da independência de Guiné e Cabo Verde em colinas de Boé (região Leste da atual Guiné Bissau). São espaços que nas *Tabankas* e parte das áreas de transição com as cidades, atualmente constituem uma configuração de inúmeras palhotas concentradas ou afastadas e sob a tutela de uma família ou comunidade, com laços de parentesco muito forte.

Nesse sentido, cada aglomerado ou conjunto de palhotas afastadas continua a ser denominada *Morança*, nas localidades de moradores muçulmanos; e *Ponta*, quando a propriedade é pertencente às famílias agricultoras que cultuam os ancestrais ou cristãos. São comuns os nomes *gã*<sup>37</sup>, antes do nome da etnia ou sobrenome do clã e *kunda*<sup>38</sup>, depois do nome da etnia para nomeação de uma *Morança*. Já para *Tabankas* são encontrados termos *Sintchan* (na língua Fula) antes do nome para referenciar a pessoa que fundou a primeira aldeia no lugar, o que constitui valor social e patrimonial para a constituição a nível nacional e internacional.

## REFERÊNCIAS<sup>39</sup>

CAMPOS, Américo. História da Guiné em Datas. 2012. Disponível em < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6905.pdf>>. Acesso em 27 de Set. de 2013.

COSTA, Carlos; RESENDE, Mauro (1994). Guiné-Bissau: o Ambiente Agrícola, o Homem e o Uso da Terra. Clássica Editora.

DIAS, Eduardo Costa (2003). Identidade Kaabunke – Um processo de Construção Identitária Sui Generis na Senegâmbia (Islã na África subsaariana). In: AFRICAN STUDIA. Atlas do 6o colóquio Internacional. No 6. Porto: Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Disponível em < <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6905.pdf>>. Acesso em 27 de Set. de 2013.

GONÇALVES, José J (1961). O Islamismo na Guiné Portuguesa (Ensaio sociomissionológico). Lisboa: Tipografia Silvas

<sup>37</sup> Gã é uma descrição que antecede o nome de dono do povoado ou sobrenome da família e clã fundadores e dominadores do lugar.

<sup>38</sup> Kunda é uma descrição associada ao sobrenome para identificar que um determinado povoado pertence a um clã ou família fundadora da mesma aldeia.

<sup>39</sup> Refere-se apenas as obras citadas e consultadas durante a pesquisa. Uma vez que a maioria de informação dado nesse texto foi coletado no campo com agentes de gerações e crenças culturais diferentes.



JONG, Joop T. T. M. de (1988). O irã, o fulano e a doença. Soronda. Revista de Estudos Guineenses, Bissau, n.5, p.3-28, jan.1988. ... Bissau: INEP, 1996, p.67-78.

LEPRI, Jean P (1986). “Contribuição para Análise Sociologica da Guiné Bissau Actual”, SORONDA, Jun. Nº1. Revista de Estudos Guineenses. Bissau: INEP. Disponível em: <<http://www.inep-bissau.org>>. Acesso: 01/03/2015.

LOPES, Carlos (1986). A guiné Bissau à procura de um modelo social. In: SORONDA. Revista de estudos guineenses, No 1 Jan. INEP. Disponível em < <http://www.inep-bissau.org/Publica%C3%A7%C3%B5es/RevistaSoronda/tabid/61/Default.aspx>>. Acesso em 27 de Jan. de 2014.

LOPES, Carlos (2003). Construção de Identidades nos Rios de Guiné do Cabo Verde, AFRICAN STUDIA, Nº 06. Porto: Edição da Faculdade de Letras da Universidade de Porto. Disponível em: <[http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS06\\_045.pdf](http://www.africanos.eu/ceaup/uploads/AS06_045.pdf) >. Disponível: 08/01/2015.

MARCELIN, Louis H (1999). “A linguagem da casa entre os negros no Recôncavo Baiano”, Mana [online]. vol.5, n.2, pp. 31-60. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93131999000200002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131999000200002). Acesso: 03/06/2015.

SILVA, Dilma de M. (1984). Os Bijagós da Guiné-Bissau: Subsídios para os estudos do progresso de transformação da economia tradicional e seus impactos sócio-culturais. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP).

TEIXEIRA, José P. (2003). Ma-Tuga no mato Imagens sobre os portugueses em discursos rurais moçambicanos. Maputo: Lusotopie.